



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Para novos tempos, novas respostas

“No setor da educação é urgente adequar as novas tecnologias a todos os graus de ensino, do básico ao universitário para, sempre que se justifique, se recorrer ao ensino à distância. Não se compreende que a Universidade, por exemplo, não disponha de uma digital plataforma audiovisual de apoio ao processo educativo.”

Um dia, quando se fizer a história destes tempos, destacar-se-ão fatos importantes, assinalando o início desta crise não prevista.

Os dados estatísticos da atividade económica até Fevereiro corriam de feição e tudo levava a crer que estávamos a ultrapassar as melhores expectativas em vários domínios sócio-económicos:

-O PIB regional registou, em 2019, um crescimento de 2,1% em termos reais.

-Em Janeiro, o Indicador da Atividade Económica (IAE)-Açores registou um crescimento de 1,8%.

-A taxa de desemprego, no 4º trimestre de 2019, foi de 7,6%, a taxa média anual foi de 7,9%.

-O número de dormidas na hotelaria registou, em Janeiro, uma variação homóloga relativamente aos três meses anteriores, um aumento de 14,3% e de 17,3% relativamente aos últimos 12 meses.

-Em fevereiro de 2020 desembarcaram nos aeroportos açorianos 94.662 passageiros, um aumento de 11,0% face ao mesmo mês de 2019.

-A taxa de inflação média nos Açores subiu em Fevereiro para 0,71%. A nível nacional situou-se nos 0,32%. A taxa de variação homóloga do mês de fevereiro situou-se nos 1,16%, sendo a nacional de 0,38%.¹

Bastam estes indicadores para percebermos que, não havendo qualquer percalço, a progressão na atividade económica açoriana continuaria a sua curva ascendente, se bem que atrás do pelotão da frente.

Como em tudo na vida, nada corre linearmente. Há contratempos que se aprendem nos livros, resultantes da experiência e da história humana, que nos aconselham a estarmos de sobreaviso. E foi o que aconteceu.

Nos últimos anos vínhamos escudando a nossa atividade económica em dois pilares: no setor primário, nomeadamente na agricultura e pecuária, e no turismo.

O primeiro sofre também de



constrangimentos naturais causados pela seca e demais cataclismos; o segundo, é muito mais frágil e está ao sabor de fenómenos naturais adversos, da instabilidade social, de conflitos armados e, como agora se constata, da propagação de epidemias e de doenças.

É por isso que se diz que o turismo está intimamente ligado à saúde e ao bem-estar e exige preocupações constantes dos operadores e das entidades públicas na preservação da boa imagem nos mercados, muito devido à sustentabilidade do chamado Turismo de Natureza.

A projeção dos Açores no mercado turístico internacional atingiu um patamar muito elevado, devido às distinções atribuídas nos últimos anos por competentes e reconhecidas entidades do setor.

Os próprios açorianos têm a noção de que a melhoria e faci-

lidade nas acessibilidades gerou uma evolução assinalável na procura, ao que correspondeu uma dinâmica empresarial sem precedentes, traduzida no aumento exponencial da oferta de alojamento, da restauração e da animação turística virada para a natureza.

Como as restrições imposta para conter a propagação do covid-19 a atividade económica no seu todo sofreu um rude golpe, em prejuízo do bem maior que é a saúde. Quanto tempo durará esta quarentena coletiva que nos afeta a todos? Não sabemos.

Há todavia conclusões que já conseguimos tirar que fortalecerão o tecido económico e social do arquipélago. A primeira respeita à prestação dos cuidados de saúde. Como tenho vindo a advogar, as chamadas “ilhas pequenas” devem oferecer melhores cuidados de saúde que incluam especialidades

como: Medicina Interna, Cardiologia e Ortopedia, em virtude do envelhecimento da sua população. A nível dos equipamentos de tratamento e diagnóstico há que recuperar, de novo, valências retiradas no consulado de má memória de Luís Cabral.

No setor da educação é urgente adequar as novas tecnologias a todos os graus de ensino, do básico ao universitário para, sempre que se justifique, se recorrer ao ensino à distância. Não se compreende que a Universidade, por exemplo, não disponha de uma digital plataforma audiovisual de apoio ao processo educativo. Nestes dias de quarentena, os alunos e as escolas ganhariam com isso e uns e outros, não sofreriam penalizações.

A nível da administração pública e dos setores empresariais público e privado há que, rapidamente, encontrar processos para adequar as plataformas digitais ao teletrabalho. Trata-se de uma outra forma de exercer a atividade profissional que já deveria estar implementada para dignificar e proteger empregados e empregadores. Se assim fosse, não se estaria agora a constatar a paralisia por que passam muitos serviços públicos e privados, e um certo “adormecimento” social.

Para novos tempos, novas respostas.

Nada ficará como dantes. Espero que para além dos constrangimentos, sacrifícios, angústias e tristezas que advirão da pandemia, a sociedade, nomeadamente os mais criativos e empreendedores respondam com novas alternativas, para recuperarmos a tranquilidade, o crescimento e o bem-estar de todos.

Dia do Pai, 19-03-2020

*jornalista c.p. 239 A

<http://escretemdia.blogspot.com>

¹Fonte: srea.azores.gov.pt